

O problema moral em Antônio Vieira

Prof. Dr. Manuel Cândido Pimentel
(Universidade Católica Portuguesa - Porto – Portugal)
candidopimentel@netcabo.pt

Resumo: Na obra de Vieira, a moral é proposta como caminho de santidade. O ideal moral é a superação do homem natural pelo espiritual. Está explícita a filiação do programa moral à teologia católica. Não fica oculto, contudo, a influência de racionalismo que vê na razão tanto o caminho para o reto conhecimento, como para a boa conduta. Destaque-se a ênfase na centralidade e valor da pessoa humana.

Palavras-chave: moral; valor; pessoa, razão; Vieira.

1. Considerações iniciais

O problema moral em Antônio Vieira decorre naturalmente da sua condição de sacerdote, de orador sacro e de missionário. Na vida, no púlpito e na missão, o discurso moral em Vieira não se singulariza pela abstração e a elaboração concetual nem decorre da prévia fixação de princípios teóricos ou tratado de filosofia moral. Singulariza-se como retórica de provocação e decorre da relação agente que vai do orador ao auditório. O enunciado moral implica sempre uma referência tácita a uma moralidade que os ouvintes conhecem e praticam de acordo com os usos e os costumes, moralidade que o enunciado visa abalar e desconstruir, mobilizando-se para tal fim os melhores recursos literários, simbólicos e imagéticos do barroco vieirino, sobretudo pela arte do contraste com os seus antagonismos teológicos, ontológicos, vitais e antropológicos e valências antinômicas: o bem e o mal, o espírito e a matéria, a alma e o corpo, o Céu e o Inferno, Deus e o Diabo, a vida e a morte, a letícia e a tristeza, a esperança e o desespero, a santidade e o pecado.

2. O discurso moral de Vieira

A exortação à virtude do discurso moral de Vieira não constitui o seu fim último. Se essa exortação traz consigo a ordenação dos princípios éticos para a prática no mundo da ação e da história, ela instaura a virtude não como fim, senão caminho para o fim que é a santidade. Isto implica uma revolução da moralidade onde se acrisolam as consciências e padecem as almas. Uma libertação. Um resgate. Uma salvação. Esta santidade é individual e coletiva. Representará, para o indivíduo, o projeto de uma vida, que se aceita ou recusa. Representará, para a sociedade, o ponto de vista mais alto do seu desenvolvimento espiritual.

Formular a questão moral na ótica coletiva é conduzir-nos Vieira ao centro da concepção que tem da história como estrada de Deus para o resgate e salvação do gênero humano, com que se harmoniza o desejo heróico de querer as coisas futuras antecipadas no presente pela sapiência dos

profetas, como na *História do Futuro*, como na *Defesa perante o Tribunal do Santo Ofício*, como na *Clavis Prophetarum*. A instauração do mundo novo do Quinto Império ou do Império de Cristo na Terra não se faz sem a santidade como projeto coletivo. Por isso vemos Vieira, qual Jeremias, exortar, e tantas vezes, Portugal e os portugueses ao cumprimento da Lei de Cristo. Portugal, à cabeça da Cristandade e do Mundo, tinha de ser reino moral¹. Do mesmo modo, o Reino de Cristo consumado, segundo a *Clavis Prophetarum*, implicando a conversão mundial ao catolicismo e a união dos povos sob o mesmo gládio, pelo que todo o mundo será cristão, é uma nação universal e santa, para cuja instituição e verdade contribui a ação missionária pregando o Evangelho pelo Globo², ação superiormente guiada pelo Espírito Santo, que precede e prepara a consumação do Reino de Cristo na Terra.

O *Sermão da Sexagésima*, pregado na Capela Real, em 1655, faz-se eco da função e papel salvíficos do pregador evangélico: compreende o seu conceito de sementeiro da palavra de Deus. O conceptismo da doutrina de oratória que aí se expende subordina o discurso à verdade e faz da retórica um instrumento ao serviço de esta, tal como na proposta de Aristóteles, mas com a diferença de que aquela verdade constitui a presença e a manifestação do *Logos* crístico. A relação do pregador a esta verdade deve ser total, aí se contando a exemplaridade da sua vida virtuosa. Assim se mostra como o discurso moral em Vieira exige uma subjetividade empenhada eticamente na obra e na ação, e de tal modo é essa exigência que o próprio Vieira não poupa a crítica feroz aos pregadores do seu tempo, os que relaxam na virtude, os que enveredam pela lassidão, os que desatendem ao sentido da palavra de Deus, os que brilham no ornamento e no discurso mas por eles não fazem brilhar aquela verdade.

No modelo do pregador está a maior prerrogativa de Vieira para nos mostrar o princípio ativo da santidade inundando e conformando as vidas em renovados incêndios de amor. A sua própria meditação elucidá-nos: o *Logos* crístico, o Santo dos Santos, é a “fonte de toda a santidade por origem” e o “exemplar de toda a santidade para a imitação”³. A força ontológica da santidade está nesse passo resumida: princípio e movimento, a santidade consiste na superação do homem

1 Sopesando a vocação imperial de Portugal, Vieira, no exemplo seguinte, atesta-o: “Para que fez Deus Portugal, e para que levantou esta monarquia, senão para desfazer ídolos, para converter idólatras, para desterrar idolatrias? Assim o fizemos, e fazemos, com glória singular do nome cristão nas Ásias, nas Áfricas, nas Américas. Mas como se os mesmos ídolos se vingaram de nós, nós derrubámos as suas estátuas, e eles pegaram-nos as suas cegueiras. Cegos, e com olhos abertos, como ídolos: *Oculos habent, et non videbunt*. Cegos, e com olhos abertos, como o Povo de Israel: *Populus caecum, et oculos habentem*. Cegos, e com olhos abertos, como Saulo: *Apertis oculis nihil videbat*. E cegos finalmente, e com olhos abertos, como os Escribas, e Fariseus: *Ut videntes caeci fiant*.” (Sermão da Quinta Quarta-Feira da Quaresma. Na Misericórdia de Lisboa. Ano de 1669. Parte II).

2 Ver “Da pregação universal do Evangelho prévia ao último estado da Igreja e à consumação do Reino de Cristo” *Clavis*.

3 Sermão de Santo Inácio, 1669.

natural pelo homem espiritual, cujo centro de atração se transfere da natureza para o espírito. Há aqui, para cada existência, mais do que um ideal, uma missão de transfiguração incessante da vida interior e exterior que consiste na realização da identidade da alma com Deus, segundo a doutrina da *imago Dei*, identidade que a cada qual cumpre desenvolver para a perfeição⁴. A transformação integral do ser humano, sendo o maior apelo moral da nossa consciência, tem a Cristo no horizonte da sua mesma experiência, no sentido da *imitatio Christi*⁵.

Para a moral cristológica, que é, em verdade, a adjetivação maior da moral em Vieira, a santidade é um projeto de vida para todo o ser humano, não só para o pregador evangélico. O quilate da consciência virtuosa revela-se na prova constante que traz implicados a obediência, o temor e o amor, num face-a-face com os desígnios divinos, a majestade e transcendência de Deus. O exemplo perfeito da consciência virtuosa está em Abraão⁶, que Vieira em muitos lugares do púlpito enalteceu. A narrativa veterotestamentária do sacrifício de Isaac por Abraão coloca-nos perante o súbito fato de que os valores que temos por mais altos e fixos possam ser abalados e pulverizados pelo desígnio divino, o que faz da opção por Deus uma opção aberta sobre todos os possíveis, ainda os que contradigam diretamente a moral vigente, a que ordinariamente nos habituamos, e as regras da sua prática.

A história de Abraão e Isaac é, para Vieira, a melhor ilustração de que a virtude e a santidade são temor⁷. Este temor, que classifica em Abraão o homem temente a Deus, por incluir a obediência, não inclui menos o amor. Neste sentido interpreta Vieira a obediência de Abraão erguendo o cutelo para sacrificar o filho, calando o amor ao filho pelo amor a Deus. Há, segundo Vieira, um duplo sacrifício: um que se efetivou, que foi o sacrifício do amor de Abraão a Isaac; o outro que não aconteceu, por ordem de Deus, que teria sido o sacrifício de sangue de Isaac no lugar mesmo onde padeceria o cordeiro, ali imolado a Deus por permuta de Isaac. Foi o sacrifício efetivo, aquele que tomou por ara o peito de Abraão, que nos revela o amor do patriarca a Deus, amor acima de todas as coisas, de todo o amor humano, maior que o amor ao mundo e à vida⁸.

4 “[...] ainda que sejais a mais vil, e mais desprezada criatura do mundo, se sois santo, sois tudo o que pode chegar a ser o maior e mais bem afortunado homem; porque sois como aquele que só é, e só tem ser, que é Deus. Todo o outro ser, por maior que pareça, não é, porque vem a parar em não ser. Só o ser santo é o verdadeiro ser, porque é o que só é, e o que há de permanecer por toda a eternidade.” (Sermão de Todos os Santos)

5 “Mas assim como Cristo crucificado transformou o Calvário, de monte infame e abominável, em monte venerável e santo, assim os nossos corações de lugares de abominação e torpeza, se transformarão em lugares de pureza e santidade, se nós pusermos hoje e fixarmos bem neles um Cristo crucificado”. (Prática Espiritual da Crucificação do Senhor).

6 “Manda Deus a Abraão que Lhe sacrifique seu filho: toma Isaac a lenha às costas, sobe ao monte, deixa-se atar para o sacrifício; e quando já o pai ia a descarregar o golpe, diz Deus: *Non extendas manum tuam super puerum [Gênesis, 22, 12]*: Tem mão, não mates a teu filho”. (Sermão da Chagas de São Francisco I).

7 “Toda a santidade, e toda a virtude deste mundo bem considerada, é temor. A maior e mais qualificada façanha que neste mundo se fez por Deus, foi a de Abraão”. (Sermão de Santa Teresa).

8 Cf. Sermão de Santa Teresa, Sermão do Santíssimo Sacramento, Sermão do Mandato, 1645, Sermão Segundo do

Abraão simboliza a oferta incondicional do amor humano ao amor divino. No sacrifício de Cristo na cruz se cumpre o movimento contrário que vai do amor divino ao amor humano. Assim o supõe Vieira ao interpretar Cristo prefigurado no cordeiro da narrativa de Abraão⁹. Assim se mostra também que a santidade é esse movimento para Deus, de despojamento e entrega total. Tratando-se do amor a Deus, não há meio-termo. Toda a moral, toda a regra, todo o tratado de ética; eles sucumbem na opção de Abraão obedecendo ao mandamento de Deus. Apenas a santidade de Deus pode confirmar-nos na confiança de que os preceitos divinos são como tais e não de outro modo. O mundo da ética fica aí suspenso. Mas, da verdade do Antigo Testamento, que é a de Abraão, para a verdade do Novo Testamento, que é a de Jesus, trouxe-nos Cristo maiores certezas, acalentou-nos de maiores esperanças. De um a outro passo, segura-se agora o prêmio da santidade na bem-aventurança, a certeza da salvação, que é salvação universal, para todos os homens, sem distinção de cor, raça ou condição: “Se há bem-aventurança nesta vida, os servos de Deus a gozam, e se há duas bem-aventuranças, também as gozam os servos de Deus, porque as gozam os que são mais seus servos”¹⁰.

A Encarnação e a Morte de Cristo confirmam o amor de Deus pelos homens, como, aliás, comparando a paternidade de Deus com a de Abraão, lembra Vieira com interrogação admirativa, adivinhando um possível segredo divino, escandaloso, qual seria o de Deus, que permitiu o sacrifício do Filho, amar mais os homens do que o Filho:

Pois sendo tanta a diferença de pai a Pai, de filho a Filho, e de amor a amor; se dar Abraão o filho por amor de Deus foi amar mais a Deus que ao filho; dar Deus o Filho por amor dos homens, porque não será amar mais aos homens que ao Filho? Parece-o tanto, que é necessário que a fé nos feche os olhos, para crer que não foi assim ¹¹.

A esperança da salvação, que a Ressurreição de Cristo confirma¹², é o fato decisivo da Boa Nova cristã, fundamental, como não podia deixar de ser, para a moral cristológica de Vieira. Para essa esperança se coordena o temor, o amor e a santidade. É uma esperança que, como lembra Vieira, tem por objeto *Deus visto*¹³, posse que não é possível neste mundo transitório e imperfeito, daí que a esperança influa dinamismo na vida cristã, a qual, se repousa no desejo daquele objeto, nunca nesta vida poderá ser em quietação, sendo este o *ser* e o *exercício contínuo* da esperança,

Mandato.

⁹ *Ibidem*.

¹⁰ Sermão de São Roque, 1659.

¹¹ Sermão Segundo do Mandato

¹² “O fundamento de toda a nossa Fé, e de toda a nossa esperança, é o mistério da Ressurreição”. (Sermão de São Pedro Nolasco)

¹³ Sermão do Santíssimo Sacramento, 1669.

escreve Antônio Vieira¹⁴.

Vastamente inteligiu o nosso pensador a virtude teologal da esperança, sendo ele também um dos autores que melhor trabalhou o seu conceito na cultura de língua portuguesa, tanto de um ponto de vista teológico e filosófico quanto literário, que as suas teses quinto-imperialistas e da consumação do Reino de Cristo na Terra tanto refletem. A interpretação das profecias, neste contexto, propõe à inteligência o nexó entre a esperança e o futuro, havendo aí, também, uma missão moral do intérprete profético, que é o de trazer à visão dos homens o que a mesma visão nunca viu, mas que agora vê ou entende pela profecia, a qual, descendo do Céu, desce da misericórdia de Deus à compunção dos homens.

Existe, de fato, um nexó profundo entre esta expectativa da profecia e a expectativa salvífica do homem da perfeição cristã, quanto ao bem que buscam. Ambas cumprem as duas condições que Vieira assinala: “A razão é: porque o bem, que for objeto da esperança, há de ter estas duas condições: ser possível, e ser futuro: possível; porque o impossível não se deseja: futuro; porque o presente não se espera”¹⁵. A esperança que encontra o bem, a esperança que vê visivelmente o objeto que desejava, deixa de ser esperança, já que o ser da esperança está no esperar, não estando este quando se despede a expectativa. Não é assim a rota da alma a caminho do Céu? Diz Vieira: “A mais fiel companheira da Alma, é a esperança: porém é tal a ventura da Alma, e tal a sorte da esperança, que quando à Alma se lhe abrem as portas do Céu, à esperança fecham-se: a Alma entra, e a esperança fica de fora”¹⁶.

As preocupações éticas de Vieira, como se nota pelo que acabei de expor, não se circunscrevem ao foro da consciência individual. Já o plano da santidade coletiva demonstra o contrário, sendo esta santidade o que caracteriza ou deve caracterizar a sociedade cristã e necessariamente distingue o Reino de Cristo; é sobre o pano de fundo deste horizonte coletivo que se move a esperança vieirina: a que assiste à ideia de um Portugal a vir, de um Reino de Cristo a instituir, de um Céu, como bem do indivíduo, a alcançar. O *Sermão do Sacramento*, pregado no Real Convento da Esperança, em Lisboa, em 1669, que venho a citar, aprofunda a realidade da esperança numa teologia do sacramento, que implica a noção da dádiva divina. Pelo sacramento da Eucaristia, Cristo “deu aos que esperam na terra, o que eles não esperavam, nem podia esperar” nela, por ser do Céu o gozo de Deus; “antecipando o tempo, e satisfazendo o desejo da esperança sobre a mesma esperança, para que O pudessem comer na terra, desce do Céu transubstanciado no

14 Cf. Sermão do Santíssimo Sacramento, 1669.

15 Sermão do Santíssimo Sacramento.

16 Cf. Sermão do Santíssimo Sacramento.

pão: *Hic est panis, qui de Coelo descendit*¹⁷.

Devemos interpretar esta antecipação do tempo e satisfação terrestre do desejo da esperança pela Eucaristia enquanto confirmação realíssima da história dos homens como história de Deus. De fato, o mistério eucarístico invade o tempo da história com a promessa da remissão, da ressurreição e da salvação. Para Vieira, na caminhada imperfeita do tempo para o tempo da maior perfeição, o sacramento eucarístico é o “alimento da esperança”¹⁸: alimento e sacramento que cessarão no fim do mundo, como “há de cessar o Sacrifício, porque há de ter fim o pecado”¹⁹, e “há de ter fim a esperança”²⁰, porque há de o desejo entranhar-se do objeto.

A consciência na história está permanentemente no centro do risco, do possível, da opção e em contínua aposta de si mesma, para isso bastando o fato de ser e existir. Para a vida cristã, esta aposta consiste em a consciência tomar a santidade por projeto. A ética cristã de Vieira, cujo núcleo tenho caracterizado como moral cristológica, converge para a inteligibilidade deste projeto o que de ordinário se chamam as virtudes teologais (a fé, a esperança e a caridade) e o saber das quatro virtudes cardinais (a prudência, a justiça, a fortaleza e a temperança).

Não será necessário procurar além da tradição católica da ética as grandes fontes em que a problemática moral de Vieira se inspira. Naturalmente que o Antigo e o Novo Testamentos, bem como a vida virtuosa dos santos, são a principal matéria para a parenética vieirina. O discurso moral arranca daí. Santo Agostinho e Santo Tomás de Aquino são as fontes principais. Querendo ir mais além, Aristóteles e, sobretudo, Sêneca. Ponderadas estas influências, auscultado o texto vieirino, concluímos não ser original a posição de Vieira em ética. Não é, neste sentido, um autor empenhado numa teologia ou numa filosofia moral em forma de tratado. A sua originalidade está, antes, na capacidade extraordinária que sempre o caracteriza em vários campos, de fazer emergir o inédito e o inaudito, revelando-nos caminhos, erguendo píncaros, propondo pensamento. O problema moral é-lhe intrínseco pela piedade cristã. É vivência. A ética cristã que está na base da sua parenética secunda e acompanha a hermenêutica dos livros sagrados, sobe ao texto e desoculta-se em símbolos grandiosos, alegorias morais, exortações à virtude e à penitência.

É uma ética em ação: quer a invasão dos corações, levar-lhes o fogo da sapiência, estender-lhes a vara da salvação, conquistar para dar as almas à imortalidade santa. Num outro registro, não deixam de ser notáveis, e com acentos de originalidade, as meditações que fez sobre a esperança e a teologia do sacramento eucarístico, bem como a atração pela narrativa de Abraão, que o moveu a

17 Sermão do Santíssimo Sacramento.

18 *Idem*.

19 *Idem*.

20 *Idem*.

refleti-la num registro em que a personalidade do patriarca assume proporções éticas, um traçado que liga temor e amor, santidade e sacrifício, a lembrar a meditação futura de um Kierkegaard, onde, porém, como em Vieira, não há uma teologia da esperança, pela assunção, no pensador dinamarquês, de uma meditação centrada numa fé que é angústia da distância entre o homem e Deus. A luminosidade de Vieira está, pela teologia do sacramento eucarístico, em remir todos os espaços dessa distância, mostrando ao homem de fé que a esperança não é o testamento de uma utopia e que a caridade é o *vínculo da perfeição*, como diz São Paulo numa das suas epístolas (Col. 3,14).

Comentando a passagem paulina, Vieira concede ser “erro ou engano” tomarmos “as cousas a vulto” e não reduzirmos “a multidão à unidade”: a “multidão dificilmente se pode abarcar, a unidade facilmente se compreende” prossegue, pelo que esta

é a razão por que a sabedoria e providência divina reduziu todas as suas leis a uma só lei, e todos os seus preceitos a um só preceito, que é o da caridade. Assim o declarou o apóstolo S. Paulo [...]. A perfeição desatada, são infinitas virtudes, e infinitos atos de cada uma delas: atada, porém, e reduzida à unidade, é uma só virtude. E que se segue daqui? Segue-se que a mesma perfeição desatada, e sem este vínculo, pela multidão a que se estende, é muito dificultosa de se observar: atada, porém, com o mesmo vínculo, pela unidade a que se reduz, se pode observar facilmente²¹.

Subjacente a esta abordagem, uma teoria do uno e do múltiplo confirma na caridade o ser a primeira, a mais fundamental e o fundamento das demais virtudes, de acordo, aliás, com a ortodoxia católica. A caridade é a virtude que “se vê abraçada intimamente com Deus no laço da mais estreita, e da mais amorosa união, e da mais recíproca”²², reflete Vieira. É assim que o verdadeiro amor cristão entende como pecado toda a desunião²³, pelo que, do interior ao exterior, a consciência cristã está sempre em viagem do múltiplo para a unidade e da unidade de si para o Uno.

Compreende-se que esta batalha da caridade ativa pela unidade implique o exercício da prudência, a prática de um saber, ganhando aqui exemplo maior a parábola das virgens loucas e das virgens prudentes, muito do gosto de Vieira²⁴, que nos traz igualmente a ideia da vigília ou da necessidade dela, e nos remete para a faculdade humana da razão, atuante neste processo. A ética de Vieira, sendo uma ética da virtude para a felicidade eterna em Cristo, é atravessada pelo sopro do racionalismo, que na razão vê a melhor forma da relação do homem com a realidade, em termos de

21 Sermão Doméstico Na Véspera da Circuncisão do Senhor.

22 Sermão do Santíssimo Sacramento.

23 Sermão do Santíssimo Sacramento V.

24 Cf.

conhecimento e de moral. Tem este racionalismo raízes aristotélicas, agostinianas e tomistas, mas não é possível desconhecer nele a influência direta do estudo de Vieira do estoicismo, sobretudo de Sêneca, de quem muito considerava as *Cartas a Lucílio*.

Vieira cita Sêneca inúmeras vezes, embora não seja fácil descortinar o que seja senequista nele, dado o caldeamento clássico do estoicismo com o estoicismo tardio e o cristianismo. Será, porventura, senequizante o entendimento de que o homem se faz virtuoso pelo conhecimento e o exame permanente de si mesmo? Isto está, sem dúvida, em Vieira, embora se deva acrescentar que o homem virtuoso não está entregue a si mesmo, secunda-o a revelação e acompanha-o a graça divina²⁵. O recurso ao texto de Sêneca pode-se ver brilhantemente comprovado no *Sermão da Quinta-Feira da Quaresma*, de 1669, onde, a propósito da cegueira, Vieira desenrola o tema senequista em crítica do vício e exaltação da virtude²⁶, ou no *Sermão de Quarta-Feira de Cinza*, de 1673, onde completa na visão cristã da morte a concepção naturalista que Sêneca dela tem²⁷, tendência característica do autor cristão que é Vieira, corrigindo com a revelação o pensamento do malogrado conselheiro de Nero.

Típica da concepção racionalista forte em ética se mostra a noção vierina de alvedrio, ou arbítrio, na sua relação com a razão, relação que, na pregnância dela sobre o alvedrio, nos lembra o justo meio e a *phronesis* de Aristóteles. Claro que, no decalque, há que observar também aí o influxo da virtude da prudência cristã, que igualmente dispõe a razão ao discernimento do bem verdadeiro, sendo fiel, regra e medida do livre-arbítrio. No *Sermão de Santo Antônio aos Peixes* podemos ler que o “leme da natureza humana é o alvedrio”, que “o Piloto é a razão” e que “poucas vezes obedecem à razão os ímpetus precipitados do alvedrio”²⁸. Comparando o homem a uma “árvore com alvedrio, e uso de razão”, no *Sermão da Primeira Dominga do Advento*, de 1652, ele observa que ainda que a árvore “esteja tão inclinada com o peso dos vícios para a mão esquerda, em qualquer hora que se quiser voltar para a direita com o arrependimento dos pecados, e emenda deles, o pode fazer”²⁹. A característica racional do homem é inequívoca. Por ela se define, colocando-se a razão a serviço da santidade. O equilíbrio prudencial, na ação, da razão com o alvedrio, se é caminho de virtude e a virtude caminho para Deus, não repousa totalmente nos méritos da razão, já que esta se encontra aberta ao possível da graça divina, como a flor que se abre ao sol, para a ajuda sobrenatural de Deus.

25 Cf. *Sermão da Quarta Dominga da Quaresma I*.

26 Cf.

27 Cf.

28 Santo Antônio.

29 *Sermão da Primeira Dominga do Advento*, de 1652.

3. Considerações finais

Fundada numa concepção de natureza humana como criação de Deus, é uma ética universalista a de Vieira, que reconhece, de acordo com os princípios do catolicismo, centralidade e valor à pessoa humana. Na forma idealizada do Quinto Império ou na forma desejada do Reino de Cristo, Vieira ergue-nos ao sonho de uma sociedade onde a lei humana e a lei divina se encontram conciliadas, e reconciliado o homem consigo próprio e com o outro homem. Está aí o teatro do mundo na sua fórmula moral por excelência.

The moral problem in Antônio Vieira

Abstract: In the work of Vieira, morality is proposed as a way of holiness. The moral ideal is to overcome the natural man the spiritual. Is explicit moral membership program to Catholic theology. It is not hidden, however, the influence of rationalism which sees reason in both the straight path to knowledge, and for good conduct. Stand out from the emphasis on the centrality and value of human beings.

Keywords: moral, value, person, reason; Vieira.

Data de registro: 15/05/2011

Data de aceite: 13/07/2011